

ADVERTENCIAS.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82, para se providenciar.

Para o numero seguinte publicaremos a carta datada de Lisboa de 27 de outubro e assignada — um cirurgião do Alemtejo, A. A. V. — relativa ao que na REVISTA se leu ácerca do tratamento cirurgico do Sr. FRANÇA. Assim como um artigo sobre a companhia dos vinhos da Extremadura, de penna mui habil e competente, mas não a mesma, que até hoje tem tratado d'esta questão na nossa folha.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MODO FACIL DE FAZER CHAPAS QUE IMITAM A GRAVURA EM MADEIRA.

2259 A gravura em madeira, que data de muitos seculos, que depois esquecida, veio reviver em nossos dias com tão primorosa execução, como se vê n'essas nítidas edicções, que se estão fazendo na Allemanha, na Italia, na França, na Inglaterra, e tambem entre nós, onde os seus progressos se reconhecem na habilidade, com que o Sr. Coelho soube executar os ornatos do *Jornal das Bellas-Artes*, cujo primeiro numero acaba de apparecer, — a gravura em madeira, dizemos, é bella mas dispendiosa; e foi esta consideração que suscitou a M. Dunand-Narat a idéa de accelerar este genero de trabalho para o tornar mais applicavel ainda: este meio é o seguinte:

Cobre-se de verniz uma chapa de cobre, grava-se pelo methodo ordinario, uzando do acido nítrico, para fazer penetrar a gravura: tira-se depois o verniz, e limpa-se a chapa: dá-se-lhe a tinta pela mesma fórma usada pelos gravadores de madeira; e polvilha-se depois com diversas substancias em pó mui fino, que pega como o verniz, e renovando alternadamente tinta e as camadas de pó, se consegue a altura que se deseja. Quando a chapa está assim preparada *clica-se* pregando nos quatro angulos uns preguinhos do lado da gravura, que servem para dar a grossura do *cliché* que se pertende, pregando-a n'uma taboa. *Clica-se* então pelo methodo ordinario, e para tirar as provas passa-se primeiro um bocado de carvão pelos traços que devem apresentar mais vigor, como na impressão a *talhe-doce*; e dá-se com um brunidor nos traços mais fortes, esfregando-os depois com o carvão; e d'esta maneira se variam muito os effeitos obtidos, podendo dar-lhe diversos tons, tendo feito d'antemão gravar á *mecânica* uma tinta sobre o cobre, brunindo certas partes, e esfregando outras com o carvão. Depois de se empregar o brunidor é necessario esfregar com o carvão os pontos onde elle operou.

M. Dunand-Narat tem já empregado o seu methodo em muitas obras nítidas, que pelo muito baratas que vem a sair estas estampas, ficam ornadissimas e ao mesmo tempo accessiveis a qualquer bolsa.

O fim d'aquelle artista não foi rivalisar com as gravuras de *talhe-doce*, que é por ora o unico systema por onde se conseguem obras primas; mas simplesmente imitar os effeitos da gravura em páu, que em nossos dias para certos jornaes e livros de gabinete e

NOVEMBRO — 2 — 1843.

de sociedade, está sendo objecto de primeira necessidade.

No artigo 2034 da *Revista Universal Lisbonense* já se deu noticia d'outro invento de gravura em pedra. Um e outro merecem que os nossos artistas mais curiosos façam sobre elles tentativas: e muito confiamos nós na boa vontade e intelligencia dos Srs. Bordallo e Coelho. A nossa gravura em madeira, em que já primam, póde-se dizer que foi obra sua. Empreenderam-na, estudaram-na, e aperfeçoaram-se n'ella sem mestre. Se lograrem tão boa fortuna com qualquer d'estes systemas, e o chegarem a naturalisarem entre nós, haverão feito ás artes, á bibliographia, e aos auctores da nossa terra, mais um serviço assignalado.

Silva Leal.

POLICIA MEDICA.

(Carta.)

2260 Lendo no seu acreditadissimo jornal, artigo 2241, as judiciosas reflexões do Sr. Telles, sobre policia medica, materia em que estâmos ainda atrazados, pareceu-me devêr corroboral-as com um facto do meu conhecimento. Um homem, a quem as diligencias de medicos peritos não poderam salvar de molestia grave uma sua filha, de idade de nove annos, privado de objecto que tanto estremecia, succumbiu, e quiz seguil-a na morte. Foi a um droguista, e comprou para tomar uma porção de deuto-chlorureto de mercurio. Effectivamente a tomou; com o que se houvera realisado a sua funesta resolução, se bons socorros a tempo ministrados o não salvaram. Eis o que se tira de consentir, que homens ignorantes na pharmacia vendam substancias que n'outros paizes tem avultadas multas. D'outro droguista sei eu tambem, que vendia unguentos preparados por elle mesmo, enganando o povo ignorante. Nenhuma auctoridade fiscalisa estes abusos; só se quer que haja estudos bastantes; que os pharmaceuticos sejam formados; porém não curam de vêr se acabam com esses ignorantes herbolarios. Haja-os embora: mas se os pharmaceuticos estudam botanica para venderem plantas com conhecimento d'ellas, ¿porque não de os herbolarios ter o privilegio de vendel-as? ¿como se lhes dispensa o estudo que aos boticarios se não dispensa? obriguem-nos a estudar botanica, e verão que será o mesmo que mandarem fechar as espeluncas onde se acham esses ignorantes, enganando o povo, vendendo oleo de ricinus rançoso, e falsificado com oleo d'amendoas dôces, e outras traficancias eguaes.

Por agora aqui ficarei.

Isidoro José Gonçalves.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O DIA-DE-FINADOS E OS CEMITERIOS.

1.º DE NOVEMBRO.

2261 Não ha edificio mais admiravel, do que este, fundado, vae para dois mil annos, sob o titulo de Igreja Catholica. Bem está descobrindo, que a sua traça foi riscada no céu, e do céu baixado o seu architecto. A sua extensão já quasi senhorêa todo o mundo, e ainda cresce. Os seus fundamentos são ina-

balaveis, porque assentaram sobre as abobadas fechadas do abismo: as suas torres indestructiveis, porque engolfando-se pelo Empíreo, dominam as regiões das tempestades: as suas paredes e tectos de tão milagrosa industria, que o ferro dos tyrannos, os archotes incendiarios dos sofistas, procurando demolil-o, não teem feito senão fortalecel-o: os seculos idólatras, querendo expugnall-o, recaíram em terra desfeitos; o seculo atheu morreu praguejando-lhe a solidez: o seculo carnal, voluptuario e indifferentista curva a cabeça diante dos seus porticos, e se ainda o não acata, como outra vez o hão-de acatar nossos netos, por obra divina, por *cidade descida do céu*, já comtudo reconhece n'elle, de todas as edificações terrestres a maior e a mais estupenda.

Na alâmpada perennal da Fé volve a accender seu facho a philosophia. As sciencias, que nos seus passados saturnaes, atiraram contra o Sanctuario as palavras da duvida e da negação, vem, envergonhadas da sua insipiencia, penitenciar-se diante do altar, e reconhecer a harmonica unidade, que reina entre o Livro do inspirado historiador da creação e as paginas mais adiantadas, que já homens chegaram a soletrar no livro immenso da natureza. As artes e a poesia, emfim, tornaram a pedir influição ás sombras mysticas, e a lyra relaxada, com tanto cantar vasio de alma, com tanto redemoinhar de danças epicúreas em derredor da estatua multiforme e occa dos prazeres, retemperou-se nas solidões do Líbano ao som dos órgãos e do psalteiro, engrinaldou-se dos cedros scismadores, perfumou-se dos incensos e resinas orientaes, aprendeu todos os sons, que lhe faltavam, os da tempestade como os da esperança, e o concérto maravilhoso de tres grandes musicas, — das harmonias da natureza, — dos murmúrios, devaneios e suspiros da alma íntima, — e dos júbilos do Empíreo.

D'esta sorte convertida, magnificada e feita harpa de Serafim desterrado, a anear pela patria, a lyra soube amenisar as tristezas do solitario, e reprimir, sem as tolher, as delicias do mundano; accrescentar o momento da vida com a eternidade do futuro, com a quasi eternidade do passado; fazer brotar flores aromaticas e córadas no fundo de um sepulchro, recém-aberto; e de cada ferida do coração estillar uma lagrima de bálsamo, que a curasse.

Tudo isto ha feito o Christianismo, — e, mais do que podemos prever, fará ainda quando, de nós, nem já ossos delidos se encontrarem sob a pedra. Arrebatados na corrente do tempo, que passa caudal por baixo dos pés de Deus para o occaso da Eternidade, nós lançamos á terrestre Jerusalem esta humilde saudação, que será logo confundida, desfeita e deslembada, como o som da espuma, que sobre a corrente assoma e se esvaéce de contínuo; mas que outros, e muitos, e innumeraveis, renovarão perennemente, e cada vez mais, e mais forte, até ao seculo derradeiro, e ao derradeiro dia.

Se tão admiraveis são porém a consistencia da Egreja que nem a Omnipotencia poderia destruir, e a sua vastidão, que já parece immensidade; não é menos para assombro, a quem por dentro a examina á luz franca, mas certa e segura, da razão despreocupada, a sabedoria, com que desde o alicerce até á cúpula, foram dispostas todas as partes, — a correspondencia, que entre si observam a harmonia dos minimos e me-

nos ponderados accessorios com as massas, e vultos principaes, — a perfeita, a absoluta, a bellissima unidade de tantos pontos de crença, de ritos e de praticas em um todo tão complexo e tão indivisivel. Para converter em christão e catholico a um intendimento são, que ainda o não fosse, bastaria, postas de parte as razões inconcussas da Fé e a formosura moral da doutrina de Jesu-Christo, um relancear de olhos até superficial sobre as festas do anno catholico: — essa, engcitada de protestantes como pedra de escândalo, é pedra de tocar por onde pódem averiguar-se os quilates da Religião, que viu a seus pés os Césares e os Deuses, e se assentou — triumphadora humilde — no Capitolio para de lá senhorear o Mundo pela paz, pelo amor, pelas virtudes, pela liberdade.

; Onde se reuniram jamais tanta philosophia e poesia, como as que em si enthesoira o ritual romano! — É um drama historico, moral, variado, e infinito, onde nada falta e nada sobeja; onde todas as phases da natureza, todas as revoluções da fortuna, todas as circumstancias da vida, todas as mudanças de estados, teem sua representação, todas as penas seu refrigerio, todas as alegrias immoderadas seu desengano, todos os sentimentos proveitosos para o individuo ou para a sociedade seu estímulo e sua corôa. Apostae, apostae sem medo, que os escarneedores de tal drama, não tanto o despresam, porque o uso de se ver representado constantemente, ha milhares de annos em milhares de templos, lhe gastou a novidade, e o fez vulgar; como porque absolutamente o desconhecem. Se uma só vez o seguissem inteiro, por mais obstinados e empedernidos que os supponhamos, não deixariam de confessar, que, sem inspiração de cima, não era dado atinarem homens a concertar ramalhete de tantas fragancias e virtudes.

D'entre os actos d'este drama, mal avaliado porque mal conhecido por quasi toda a gente, nenhum ha, em que a idéa da morte não avulte mais ou menos expressa, mais ou menos sombria. — É porque a morte para o christão, é o seu nascimento; e a Religião, verdadeira mãe, não cuida de dia e noite, senão na alegria de dar á luz, áquella inefavel luz do céu, os fructos abençoado dos seus castissimos amores. O que o mundano repugna, como idéa de fim, é idéa de principio para o crente; — os repiques festivaes do baptismo ouve-os o seu espirito na hora tremenda da unção, e o dobre dos finados por entre o estrépito dos festins licenciosos: — á palavra morte o materialista, que, semelhante aos brutos, não olha senão para a terra, fere-a com o pé insoffrido e ouvindo-a ecchoar como sepulchro vão, refoge com os olhos ennoitecidos e o coração regelado: o fiel, á palavra morte, levanta os olhos para o céu, e ou lá descobre um sol, tenue reflexo da claridade, que o espéra, ou vê uma infinita textura de estrellas, que véla como cortina o pavilhão, onde o esperam, o desejam e o chamam, seus paes, seus amigos, todos os que na terra perdeu, e todos quantos espiritos, dignos de amor, habitaram no mundo das provações, desde o primeiro dia até ao presente.

Não bastava recordar aos mortaes a morte de dia a dia: — não bastava intertecer aquelle pensamento solido com os fios multicóres, brilhantes, quebradiços e destructiveis dos intersiculos e vaidades, que formam a têa da vida; e que, em chegando a hora, desappa-

recem todos, como nas mortalhas de amianto o fogo aniquilava o linho, com que as haviam ordido, e demittia a substancia incombustivel, illesa, purificada, candida, abonadora e resguardadora das cinzas do que se lhe tinha confiado. — Não bastava imitar a natureza, que até nos lances mais festivos, nos actos de mais desalada creação, mistura sempre a fatal advertencia da necessidade do perecer; era preciso, que esta lei, imposta ao primeiro homem, tomasse inteiro para si algum dia do anno; e que a Religião, não contente de apontar para ella a todas as horas, levantasse alguma vez o seu braço augusto e animoso, corresse o véu raro e transparente, com que a nossa covardia nol-a disfarça, a tomasse em pèso entre suas mãos sanctificadoras, e nol-a mettesse aos olhos nua, severa, temerosa, em toda sua verdade, em toda a sua tremenda formosura.

E dois foram os dias, deputados pelo Catholicismo para esta grande façanha moralisadora.

O das Cinzas e o dos Finados.

Collocado ao limiar relvoso e florente da primavéra, o Dia-das-Cinzas disse ao homem: — «Lembra-te que és pó; toda a terra vaç reverdecer em derredor de ti; todas as plantas debaixo do céu anilado e tépido retoucar-se de capellas e perfumar-se, para hospedarem os cantos e os amores das novas aves, os raios fecundantes do novo sol, as virações, conselheiras de delicias, os olhos, os suspiros, os prazeres de todas as creaturas. — A natureza pela milionesima vez ressuscitou como a phénix. Homem, que váis assistir ás festas da sua ressurreição e das suas bôdas, homem, que váis sentar-te ao seu banquete de embriaguez e seducções, homem, lembra-te de que és pó, que te soltarás em pó em vindo o teu inverno; e que para o teu inverno, quiz a Providencia que não houvesse primavéra. — O teu coração vicêja tambem agora, — o teu espirito enflora-se e canta, — as paixões já principiam n'elle a murmurar, — o teu sangue corre fervoroso, como os ribeiros que se devolvem dos montes ao descoalhar da neve; — armar, armar que váis entrar nos perigos de uma longa batalha. A abstinencia e os rigores penitentes seriam agora preccitos da philosophia, mas são-n'o tambem da Religião; que é a philosophia por excellencia. Homem, apparelha-te para a virtude com a sobriedade, para a sobriedade com a lembrança do pó. As cinzas da palma e da oliveira, que vão cair sobre a tua cabeça, são menos cinzas do que tu; ellas poderão tornar ainda a ser particulas de oliveiras e palmas, o teu corpo, em caíndo, não será senão terra.»

O Dia-dos-Finados, alvorece, — n'um céu já enturvado, e esmorecido, — sobre planicies e montes descorados, e nus de searas e fructos, — raia sobre arvoredos, que estão despindo tristemente as suas galas, para adormecerem e descansar da esplendida festa a que assistiram; o Dia-dos-Finados ouve de toda a parte, emvez dos bandos festivos das aves, semeando dos ares musica e alegria nos corações, os brados longos e funebres dos campanarios já sem ninho nem flor, — emvez dos cantares profanos e ociosos, as ferventes orações, os gritos de tribulação e desamparo que d'entre os brandões amarellos e os altares enlucados se levantam pela bocca do consternado Job e dos Prophétas, pedindo soccorro, para todos os filhos de Adão, — «*Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, co menos vós, amigos meus; compadecei-vos de mim, porqu a mão do Senhor me ha tocado!*»

Se é licito comparar, para preferencias, duas solemnidades d'esta Egreja, em tudo, sabia e profunda, em tudo, providente e benefica, preferiríamos nós esta festa do outono, que está á porta; este Dia-dos-Finados, áquella festa da primavéra, áquella Dia-das-Cinzas, que transformou as loucuras do carnaval nas melancholias da penitencia. Nas Cinzas é o sentimento da individualidade o que predomina, — aqui o da charidade universal. — Lá cogitou-se no pó, que havia de ser desamparado pelo espirito, — aqui medita-se nos espiritos, que do pó voaram, como ave do seu ninho, para as regiões livres do céu. Lá fallou-se á fraqueza — aqui falla-se ao amor. Lá bradaram-nos; treme! — cá; espera! Lá enfim caíram as palmas e oliveiras desfeitas em cinzas, — cá, d'entre as cinzas, renascem as oliveiras e as palmas.

Tres dias compreende propriamente a solemnidade dos Finados. O primeiro prepara os fieis pela abstinencia para a festa magnifica da milicia triumphante, que no segundo é executada, em pleno templo, ao som de cantos de triumpho, e com absoluta cessação de trabalhos, sob o titulo de Todos-os-Sanctos: festa a mais universal e a mais particular, como bem pondéra Vieira. — «Vede — diz elle — quão nosso e quão particular é este dia. Não só celebramos os sanctos d'esta nossa cidade, senão cada um de nós os sanctos da nossa familia, e do nosso sangue. Nenhuma familia de christãos haverá tão desgraçada que não tenha muitos ascendentes na gloria. Fazemos pois festa a nossos paes, a nossos avós, a nossos irmãos, e os que tendes filhos no céu, ou innocentes, ou adultos fazeis tambem festa hoje a vossos filhos. Ainda é mais nossa esta festa. Porque se Deus nos fizer mercè de que nos salvemos, tambem virá tempo, e não será muito tarde, em que nós entreemos no numero de todos os sanctos, e tambem será nosso este dia. Agora celebramos, e depois seremos celebrados: agora nós celebramos a elles, e depois outros nos celebrarão a nós.» — Commemorados n'este segundo dia os que já não carecem de nós, como intercessores, mas que antes, lá onde estão o podem ser nossos, faltava banquetear com sufragios, os nossos parentes, amigos, e irmãos em Adão e Christo, que, partidos do mundo para a Bemaventurança, não tivessem ainda chegado ao seu destino. E este foi o charitativo complemento do triduo. O dia, que, sob a invocação de Finados, commemoramos; este dia, no qual, como no do nascimento do Salvador, a Divina Hostia é tres vezes offercida pelo mesmo sacerdote, não mandou a Egreja, que fosse sanctificado como o precedente, porque temeu, e com razão, fazer affronta ao sentimento da humanidade. Não o proclamou sanctificado, porque sanctificadissimo o proclamavam e sentiam todos os corações até os mais degenerados e perversos.

Já lá vão os annos da abundante fé, que a nossa infancia ainda alcançou. Quando os cemiterios e as egrejas eram, em igual dia, visitados por toda a povoação viva carregada do lucto mais austero, perigrinados processionalmente pelas confrarias, irmandades e ordens religiosas: quando das mil torres da cidade, como da bocca de mil sentinellas do céu, se mutuavam pelos ares com bronzeas e prolongadas vozes, desde antes da madrugada até muito pela noite a dentro, os seus brados de; *alerta, alerta, alerta está!*

Era uma como rede de notas melancholicas, que envolvia a cidade, e por baixo da qual tudo se tornava grave, recolhido. As ruas e praças não se atroavam com o fragor das carruagens; os bailes e spectacles esperavam em silencio e nas trevas, que o anjo da morte houvesse passado, para realçarem a sua fronte illuminada; cada caza, que tinha perdido um pae ou um filho, era uma catacumba de oração: cada alma desfolhava tacitamente as suas saudades sobre as reliquias em si guardadas de um ente querido. — Esses dias, que tantos germes de charidade desabrochavam, que predispuham tantas reformações de costumes, tantas reconciliações de inimigos, — esses dias passaram em grande parte; porque uma sciencia terrestre, chamada Economia Politica, — que aprendeu a contar quantas particulas de materia se recebem ou se dispendem em um tempo dado, mas que não aprendeu mais nada, e que ainda ignora, que o homem e a sociedade não vivem só do pão, — veio para o meio das praças rir do bronze, que, emvez de circular amoedado, se revolteava, entre o céu e a terra, vasio, inintelligivel e importuno. Riu da caza da oração, que, podendo transformar-se em fabrica de cortumes, teimava em permanecer *capital improductivo*. Riu de ver coahar-se de tumulos o terreno, que, semeado de milho ou trigo, e a tantos alqueires por geira, sustentaria, termo médio, uns vinte philosophos economistas. Riu do meditar comparado com o serrar, e do cypréste preferido á couve alta, á poetica e socialissima couve alta, que, transformando-se de vegetal em carne de cevado, de carne de cevado em oiro, e de oiro em tudo, era visivelmente para ser anteposta a todos os cyprestaes do universo. E esta doutrina materialista, que põe a felicidade nos campos, nas cidades, nas officinas, nas pescarias, nas cazas, nos móveis, na cosinha e no leito, mas que ignora, que dentro do corpo do maior opulento reside um espirito, que ainda possuidor do universo póde ser infelicissimo, — esta doutrina materialista, mais fanatica e intolerante que as mais intolerantes e fanaticas theocracias, achou graça aos olhos das turbas; quanta fé lhe podia arrancar, arrancou-lh'a; o restante fez com que, de envergonhado, se retraisse para os corações; e ao presente o Dia-dos-Finados corre, como todos os do anno, carnal, negocioso, egoista, frivolo e zombeteiro.

Deus perdõe aos materialisadores, que não sabem o mal que estão fazendo. É grande e temeroso: é para filhos e netos: é de tárduo e difficilimo remedio.

Disputou-se muito tempo se sim ou não convinha, que fosse a caza da oração a jazida ultima dos mortos. Levantaram-se por uma e outra parte defensores eloquentes: mas o costume de enterrar nos templos, costume, — não coevo com o Christianismo e n'elle furtiva e abusivamente introduzido, — cedeu diante das considerações do interesse publico bem demonstrado: e os Cemiterios, em ar pleno, foram adoptados geralmente.

Que se nos permita recordar aqui versos, que, ha doze annos, compúnhamos, no meio de um largo poema, intitulado o *Domingo Gordo dos Montanhezes ou a Matta de S. Sebastião*. — Aquella, para nós, sempre tão saudosa matta de S. Sebastião era a cremítica vi-

sinha da ignorada residencia parochial de S. Mamede-da-Castanheira-do-Vouga, onde então, com tanta delicia, nos homisiavamos. N'este, quasi improvisado, fragmento, como tudo que então versejavamos sem esperança, expremiamos o desejo de ver introduzido n'aquelle monte o uso, que, pouco depois, se tornou geral em todo o reino.

Possa esta digressão servir de desenfadamento aos leitores, que tão prolixa e severa prósa houver cansado, como para nós váe ser melanchólico deleite.

; Que uso tão doce a corações piedosos!

Reverdecei costumes do bom tempo,  
Quando o rei, o pastor, o chefe, a virgem  
Tinham sob um céu livre a sepultura.  
A morte, menos barbara do que hoje,  
Com avarenta mão não ferrolhava  
Sob um tecto pesado, entre altos muros  
As presas cá de fóra em vão pedidas:  
Não era um templo o carcere dos mortos.  
Dormiam mollemente em terra franca,  
Em jardins frescos, em copadas selvas.  
Esta esp'rança adoçava um pouco o amargo  
Do ultimo trago aos labios moribundos.  
Este bem tão pequeno em mal tão grande  
; Quanto valor não tinha aos que ficavam!  
O irmão, o pae, o filho, o amigo, o esposo  
Podiam livremente a toda a hora  
Ir regar de seu pranto amadas cinzas,  
Fartar saudades, inflammam lembranças,  
Delirar doce a noite e o dia inteiro.  
E que prazer ao peito, onde palpitam  
Superstições de amor ou de amizade,  
Dizer — «Esse tapete hervoso o cobre:  
«Esta ave lhe gorgeia; esta aura sôlta  
«O refresca; esta lua apraz-lhe aos manes.  
«A primavera m'o visita, e espalha  
«Tambem por cima d'elle o seu regaço.  
«Esta violeta é sua, hei-de colhel-a:  
«D'esta arvore a raiz sustem-lhe a fronte,  
«Nutre-se do seu pó, vive por elle,  
«É elle mesmo em parte. Arvore amiga,  
«Recebe o nome cáro hoje sem dono,  
«Toma os abraços que não posso dar-lhe!  
Sim, sim, convém um bosque ás sepulturas:  
A arvore, Deus a fez como passagem  
Do mundo que respira ao mundo inerte.  
Commum c'os animaes, commum co'a terra  
Vive e não sente, habita e ignora o mundo;  
Sympathisa co'a morte, e co'a existencia,  
E grata ás cinzas, á saudade é grata.

; Que ferreos somos nós que a um cahos vago

Atiramos sem dó, perdidos, mixtos  
O detestado, o amigo, o estranho, o nosso!  
Se alguém da voraz Scylla aos sorvedoiros  
Arrojasse o que os Seculos pouparam  
Bronzes, escriptos, marmores romanos,  
Ou derrocando pórticos, theatros,  
Columns, colliseo, palacios, templos,  
Em serra inutil amontoasse as pedras  
; Quem não vertêra em lagrimas o sangue?!  
; E ante a nossa affeição tem menos pêsos  
Que as ruinas de Roma as que são nossas?  
; Dá-se tanto aos ditosos, aos contentes!....

Spectaculos pomposos, aureas festas,  
 Jardins, parques; e aos miseros que gemem,  
 E aos peitos melancolicos viuvos  
 Ha-de negar-se um canto onde pranteiem!?  
 De tanto mundo que pertence aos vivos  
 Nada dareis aos seus antigos donos?!  
 Nem um torrão perdido, uns troncos nullos?!  
 Quando virá um dia em que estes bosques  
 Semeados de tumulos não altos  
 De lúgubres saudades se povoem!  
 Então a propria morte, hoje tão secca,  
 Terá sua grinalda; a dor seu gosto;  
 E visitas o pó, e cultos o ermo.  
 Pelas noites mui placidas do Estio,  
 Ao duvidoso albor da lua incerta,  
 Ou á frouxa luz de alampadas suspensas,  
 Bello será sentado n'este sitio  
 Ver vir d'aqui, d'alli, frouxos, dispersos,  
 O do cazal, o morador na aldêa  
 Entrar chorando e procurar seus mortos!  
 Aqui, duas irmãs rezam de joelhos  
 Sobre o seio materno sepultado;  
 Alli, o velho attento as contas passa  
 Pelos dedos convulsos, e se encosta,  
 Já sem chorar na fallecida esposa.  
 O filho, aos pés da mãe c'os mais soluça  
 O *Padre Nosso* apenas aprendido.  
 Deitado á esquerda do submerso amigo,  
 O amigo devancia antigos annos;  
 Por toda a parte lagrimas e affectos,  
 Memorias doces, orações, e esp'ranças!  
 E a quem não conviria igual retiro?!  
 N'elle a tristeza encontraria um pasto;  
 A Sciencia, reflexões; o vicio, escolhos;  
 A leviandade, assento; a desventura,  
 Consolação; o amor, silencio e pranto;  
 Ensaíara-se o infante para a vida,  
 O velho para a morte: o moralista  
 Viria achar unção para a verdade,  
 O orador persuasões, ternura, encantos.

O' filhos da Montanha, Oh! libertae-vos  
 De um prejuizo vão: é toda a terra,  
 A terra do Senhor: afóra o vicio,  
 Debaixo d'este Céu, nada ha profano:  
 A bençam do pastor consagraria  
 Vosso asylo feliz; e a cruz em meio  
 Todo de um sancto influxo enchêra o bosque.

Realisaram-se os desejos do verzejador solitario. As  
 aldêas e as cidades tiveram os seus cemiterios.

— Mas, foram elles ou são ainda hoje o que po-  
 diam, o que deviam ser? —

Oh! que não!

Os que dirigiam os negocios da sociedade, julga-  
 riam peccar contra a philosophia, peccar um grande  
 peccado de ridiculo, se, no que houvessem de esta-  
 tuir a respeito dos mortos, mostrassem attender a mais  
 do que ás méras considerações de policia e salubri-  
 dade.

Fizeram-se cemiterios para os homens pela mesma  
 razão, porque se fizeram cemiterios para os cavallo  
 e cães; — porque o requeria a higyéne. — Não se viu  
 n'aquillo a certeza, a probabilidade, nem ainda a  
 possibilidade de influir pouco ou muito nos costumes.

Viu-se um despêjo necessario de certo genero de im-  
 mundicies do povoado. A parte religiosa, moral, ou  
 poetica esqueceu ou transcurrou-se: e os não poucos  
 annos, que desde então teem decorrido, não valeram  
 ainda a emendar um êrro, que denunciára, como  
 bruta, a nossa geração no tribunal das vindoiras.

Que digam, os que em igual dia teem ido le-  
 var aos cemiterios dos arredores de Lisboa sufragios  
 e saudades, pedindo-lhes em trôco esperanças e ins-  
 pirações — que digam, onde acharam ali n'esse de-  
 gredo dos nossos — e nosso tambem para d'aqui a pou-  
 co — a decente e opportuna caza de oração; — onde os  
 sinos, que derramassera pregão de reza por cima das  
 sepulturas; — onde o sacerdote, coroado de cãs, que  
 residindo permanente e contínuo, como o sentimento  
 da charidade, em uma cazinha branca e silenciosa  
 em meio da verdura funebre e gemedora, á chegada  
 de cada novo hóspede accorresse trôpego, com a fron-  
 te pendida para a terra orvalhada de lagrimas, e o  
 breviario aberto na mão trémula, a recebel-o com as  
 saudações do *descanço eterno e da luz perpetua*; que  
 o conduzisse, como bom hospedeiro, aos pés do al-  
 tar; lhe derramasse sobre o rosto a agua lustral; lhe  
 entoasse os canticos da despedida; o fosse agasalhar  
 no seu ultimo leito; vigiasse porque lh'o cobrissem  
 charidosa e piamente; e o não deixasse depois de ter  
 suspirado sobre elle, senão para voltar na manhã se-  
 guinte a saudal-o outra vez com as orações, antes que  
 o sol o visitasse com o seu primeiro raio.

Nada d'isto viram.

Um pobre secular, pago pelo municipio, é o feitor  
 d'aquelle *prédio improductivo*. Que mais é necessario  
 para mandar abrir ou tapar covas ou vallas e lançar  
 n'ellas um fardo por mão de quatro trabalhadores de  
 enxada, que assobiam, conversam e riem no traba-  
 lho, como os coveiros de Shakspeare, ou como o fazen-  
 deiro, que surribo uma terra para bacello!

E mais nada faz o representante do municipio em  
 tal lugar?

Faz.

Manda varrer a decrépita e nua ermida, e assenta  
 pontualmente os defunctos de cada mez para os regis-  
 tos statisticos.

Bem. Tudo isto só prova, que aos vereadores es-  
 queceu um pequeno ponto, a saber, que os indivi-  
 duos da especie a que elles pertencem, tinhamos a  
 honra de possuir uma alma, e que a terra, em que  
 exerciam auctoridade, se chamava, e era fidellissi-  
 ma; mas não deslembrariam certamente o aformosea-  
 mento, que se póde considerar serviço aos vivos.

Deslembraram, deslembraram e bem longamente.

Aquellas arvores, que abrigam piedosas com suas  
 sombras as sepulturas, e a quem a natureza, por um  
 requinte de melindroso affecto, parece ter dicto —  
 «; cresci, mas não estendaes braços, que interceptem  
 a vista das alturas! cresci, mas cresci para o céu,  
 apontando para elle como piramides saudosas!» Essas  
 arvores incorruptiveis e balsâmicas, verdes e escuras,  
 bellas e melancólicas, em todos os tempos e por to-  
 dos os povos consagradas ao lucto, e sobre tudo es-  
 tereis de fructo como se a Providencia mesma nos ti-  
 vesse querido por ellas ensinar, que no seu vasto pla-  
 no nem tudo foram *considerações utilitarias* á moda  
 dos economistas, os cyprétes emfim, os cyprétes en-  
 tre a immensa geração das arvores, emblemas natu-

raes e primitivos do philosopho religioso, fugido á sociedade e estranho a ella, os cypréstes, não occorreu logo, que eram a familia do cemiterio, os companheiros unicos inseparaveis dos pobres finados; as unicas vozes, que alli podiam responder aos suspiros dos órfãos; os unicos attractivos, que poderiam converter a poisada das máguas n'um passeio supportavel, e ainda grato, (moralizador, não o diremos ás camaras municipaes); mas emfim grato, ao menos supportavel aos ociosos, aos felizes, aos seculares de coração, e leigos de intendimento.

O sancto arvoredó, que já podéra ostentar a sua adolescencia de dez annos, está apenas na infancia; onde o está!! — que na maior parte nem ainda é nascido: o mais da terra que se havia de encobrir como uma viuva sob o seu véu, jaz, aos olhos do Sol, nua e envergonhada.

O triste, que pertendesse ir alli um ou muitos dias cevar-se das tristezas, que o namoram e lhe convém, não encontraria o abrigo de um tronco para encostar a sua cabeça meditativa, ou para se homisiar que passageiros indifferentes não descobrissem o livro que lia, as lagrimas com que o orvalhava, e para que pedra se volviam, de instante a instante, os seus olhos e as suas mãos unidas e apertadas. E muito grande é esta falta, que não são os amores da alma dos menos virginaes ou menos ciosos do seu recato. Vede; se cada lápide contém saudades para toda uma familia, e talvez para muitas mais de parentes e amigos, quantos não serão os corações, que estejam de taes sombras carecendo! Mas não são ainda esses todos os mortos nem ainda a maior senão a minima parte; cardumes d'elles, que não teem um tumulo, tiveram com tudo como os ricos, e Deus sabe se ainda mais que os ricos, parentes extremosos e amigos verdadeiros.

Quando bem se pondéra que os mortos d'esta Lisboa passam muito de seis mil em cada anno, que nos dez annos d'estes cemiterios, perto de septenta mil nomes se teem trasladado dos livros do recenseamento para os dos óbitos; estreméce a imaginação, e não ousa a calcular as lagrimas, que alagam todas as horas do dia e da noite. ; E tão crescido numero de infelizes não mereceria que por elles ao menos, quando não fosse pelos mortos, se dêsse ao asylo dos ultimos amores todo aquelle pouco, de que elle necessita! ? ; Esperar-se-ha que venha para mais barata a plantação das arvores! ? ; Serão economias feitas á custa dos affectos naturaes?!

; Nemi esta deploravel desculpa!... nem esta!

Pois então não se adverte que a perda de cada anno na plantação d'este bosque mystico é um damno, que nunca mais poderão resarcir aquelles que por criminoso descuido o occasionaram; nem as forças, poder, riqueza, e sciencia de todo o mundo reunidos.

Dois annos ha hoje, que procuradores, sem procuração, dos mortos que necessitam de visitas, e dos muitos vivos que folgam de lh'as fazer, e que folgão também de recebê-las algum dia, dirigimos n'este mesmo papel este mesmo requerimento aos cabeças do municipio. Indifferido; renovámo-lo hoje com amargura; e de anno a anno o repetiremos com mais força, ou repetirá por nós alguma piedosa mão, se já também repousarmos, onde ainda se póde carecer, mas não se póde já pedir.

Rirá alguém de nos ver requerer isto com tamanho affinco. Pois para que não riam de nós, como de fanaticos da fé poetica os fanaticos do materialismo; — que olhem para os cemiterios dos protestantes, e comparem; o ministro do seu culto alli reside ás portas, e dentro do asylo dos seus mortos. No meio do magestoso arvoredó, que sombrêa todos os tumulos, avulta a caza da oração. Para se chegar ao altar, passa-se por entre os mudos pregões da morte: para do altar volver ao mundo, atravessa-se outra vez por entre os eloquentes desenganos das vaidades. Os finados alli, convidam, hospédam, e ensinam.

Mas reforcemos ainda a vergonha e apertemos o argumento.

¿ Quem são elles os homens, que tal fazem e observam? ; e quem somos nós, os que o passamos em claro?

Elles são os renunciadores voluntariosos de muitos dogmas capitaes do Christianismo: são os que descreem na virtude do orar em favor dos que já depuzeram as armas da milicia: — nós, conservando inteiro o thesoiro da primitiva Fé, cremos na charidade na sua mais ampla e altissima acceção; cremos no commercio mutuo de beneficios entre as duas vidas; cremos que as nossas lagrimas, caíndo devotas sobre a sepultura, se convertem lá dentro em diamantes, que ajudam o resgate, e que as almas resgatadas, em retribuição, nos podem lançar lá de cima fructos invisiveis de ambas as arvores do Paraiso. Elles, percorrem o cemiterio, como folheariam, n'uma tarde nebulosa, as sepulturas de Hervey, ou as noites de Young: — nós, somos chamados n'este dia a perigrinar os nossos para alguma coisa mais positiva, mais presadía, mais do espirito e do coração, mais util para os que foram, mais util igualmente para os que hão-de ser.

O cemiterio catholico é todo o anno, mas particularmente n'este dia, como a escada de Jacob: une a terra com o céu, subindo e descendo de continuo e á porfia espiritos angelicos a abraçarem-se no caminho, sob os olhos de Deus, que lá de cima os contempla com complacencia. Na Igreja romana, as obras de misericordia não teem limite na sua applicação: exercitam-se tão inteira e pontualmente para com os defunctos como para com os viventes. Porque também aquelles são famintos e sedentos, a quem se ha-de ministrar mantimento e bebida; são nus a quem se ha-de vestir; são encarcerados a quem se ha-de visitar; enfermos a quem se ha-de levar remedio; captivos a quem se ha-de negociar a redempção; perigrinos a quem se ha-de franquear a poisada: — e isto com obrigação tanto mais stricta, quanto o espirito excede ao corpo, e as suas necessidades e miserias além mundo ás miserias d'esta vida. Accresce que os mortos são mais desamparados e mudos para os rogos; e são impeccaveis como os proprios anjos. Um dos segredos altissimos da Sabedoria infinita foi dividir com uma cortina impenetravel o mundo dos vivos que é o dos presentes, e o mundo dos mortos que é o dos passados; ou mais propriamente, o mundo dos que estão para nascer que é o nosso, e o mundo dos já nascidos que é o de nossos paes. Convinha que ignorassemos até ao Dia-do-Juizo o destino que achára ao sair da terra, cada um de nossos irmãos, para que a todos os servissemos com equal charidade, e para que esta vir-

fude se não diminuisse com a materia do seu alimento.

A venerabilidade dos mortos ninguem a desconfesará, que já alguma vez houver divagado por entre as jazidas d'elles, uma hora de solitario recolhimento. Os mortos são um sacerdocio; sequestrados do mundo, renunciadores de pompas e riquezas, adstrictos ao altar e ao cantico perenne, célibatarios, abstinentes, eremitas, prégadores. — E quando não, correi o Cemiterio interrogando cada pedra: aqui está uma mãe: aqui está uma esposa: aqui está um negociante: aqui um proprietario: aqui um guerreiro: aqui um politico. Se Deus ressuscitasse toda esta gente, esquecida do que tinha passado do mundo em fóra, se tornasse a atar o fio das suas idéas terrestres, todo o Cemiterio seria um reboliço profano e insensato, como qualquer praça da cidade: enquanto se cada um saísse debaixo da sua pedra, qual é ao presente, e fallando a linguagem que a experiencia lhe ensinou, todos elles passariam por esses bens, que antigamente os occuparam, sem os conhecer, ou antes, conhecendo-os e por isso nem os olhando: a mulherinha, que tivesse sido havida pela mais idiota, pré-garia verdades e novidades aos maiores sabios. Tanto isto é assim, tão forte é a exalação sanctificadora, que se levanta de cada morto, que a propria pedra, que veio para cima d'elle para recordar o passado, se impregnou de um espirito prophético, com que nos falla do futuro: os olhos leem n'ellas o que não é, mas a alma divisa por entre essas letras, de que não faz caso, escriptas inteiras e claras as taboas da lei.

Ainda que os protestantes neguem que as orações dos vivos podem aproveitar aos finados; nem elles poderão negar, que, ao menos, aproveitam a quem n'as faz; pois a ordem de pensamentos, que então se desinvolve, contribue toda effieazmente para o aperfeiçoamento moral. Pelo que disse o Espirito Sancto, — «sancta e saudavel cogitação é o exorar pelos defunctos.» — e outra vez, — «que presta mais entrar em uma caza de funeral, que não em uma de convites e banquetes.»

As considerações, que deixamos apenas disseminadas, fará Deus, que não haverão caído todas sobre seixos áridos ou entre espinhos; alguma parte d'ellas acertará porventura em boa terra, onde germine, prospere, e fructifique. Praz-nos crer que se n'este Dia-de-Finados, algum dos eleitos cabeças do municipio, tendo lido esta nossa petição e os fundamentos d'ella, for visitar, por entre os cardumes de feis, o principal dos nossos Campos-Sanctos, não só virá a sair deferida senão ainda com despacho avantajado. Porque mais do que nós aqui lhes denunciámos, com aquella sóta liberdade, que para entre tumulos fica bem, mais do que nós, futuros mortos, a elles, futuros mortos, lhes pedimos, — ouvirão elles estarem-n'o por lá murmurando as enluctadas turbas dos visitantes.

— Quem ceifa esta herva, sustentada de cadaveres na terra nua de eyprestes — perguntará porventura uma filha levantando-se de orar juncto a uma taboa numerada, que, por entre mim, lhe assignala a sepultura de sua mãe? ; Esta herva de Deus, que m'a resguardava como uma coberta bordada nos dias de primavéra! ; Esta herva, que os guardas do sitio me prohibiam de pisar, quando eu vinha por este mar de verdura, procurando minha pobre mãe, para lhe tra-

zer as minhas orações e pedir-lhe conselhos e benções! ; Esta herva brotada do seu seio, e que eu amava como minha irmã ; quem a cortou?!

— Os conductores das carroças do despêjo, lhe responderá alguem, estranhado da simpleza da pergunta: — ; Querieis que se perdesse tanto verde? Cortaram-n'o elles, e levaram-n'o em suas carroças para anafar os cavallos e mulas municipaes.

— ; Para as quaes se edificaram dispendiosos aposentos, — interromperá outro, — enquanto não havia dinheiro para uma caza de oração pelos defunctos, e para a residencia de um clerigo velho que velasse aqui os dias e noites de todas as estações!

; Que emblema vivo da philosophia do seculo! . . .

; O objecto dos affectos mais sanctos e melindrosos sacrificado a qualquer lucro; a propria substancia dos nossos paes devorada pelas nossas bestas! . . .

— ; Que tráfego de enxadas vae além? — perguntará talvez um estrangeiro. — Não são covas que se estão abrindo.

— Não: — lhe accudirá algum d'estes nivelladores por contumacia, de que ha tantos. — Aquellas enxadas procuram corrigir as sinuosidades d'este sólo montanhoso. Queremos um plano estirado e uiforme, para que a vista abarque tudo n'um relance: tanto assim, que para o conseguirmos já os que tinham seus mortos em terra, que haviam pago em alguns d'esses monticulos, foram avisados para os tirarem, e comprarem novo poiso para onde os trasladem.

O estrangeiro encolherá os hombros de compaixão. Mas a obra dos nivelladores e simetrisadores tornará logo a diante a perseguil-o, sob outra fórma ainda mais absurda. É o estafado plano dos arruamentos do pautadissimo marquez de Pombal, transferido da cidade viva, contrafeita e forçada, para a cidade defuncta liberrima e equalissima. Longas ruas bem paralelas, bem horisontadas, bem largas, bem estendidas ao cordel, e sobre tudó bem monótonas; as saudades dos pobres que se não entromettam com as dos opulentos, os renques dos tumulos altos que se não interrompam, embora n'esse fastidioso estremar de fortunas os coitados dos humildes se exponham a ficar sem visitas e cada um dos proprios privilegiados fira menos na attenção do passageiro. ; Oh! que mais formosos não são! — dirá elle entre si — ; que mais formosos, que mais accomodados á natureza, e á melancholia não são aquelles cemiterios da Suissa, onde a feição da terra, não desfigurada, a cada passo offerece uma novidade ao cuidadoso solitario! ; onde a virgem, que enviuvou nas vesperras de suas bôdas, pôde ir chorar horas inteiras no recôncavo em que dormem os seus amores sem ser percebida dos que passam! ; onde a loisa rasa do guardador de vaccas na montanha e a do soldado, que voltou soldado das terras estrangeiras para acabar na sua, se reclinam fraternalmente aos lados do obelisco mais dispendioso do negociante ou do magistrado!! ; Aquillo sim que é painel! ; aquillo sim que é saudade! ; aquillo sim que é republica! ; Tanto suar, tanto despender, tanto resistir certamente aos desejos de muitos para quebrar, quanto homens o pôdem, o encanto, o feitiço, e o amavel pudor de silvestre á desambiciosa vivenda da morte! . . . . .

Mas por outra parte, com tanta escravidão para despoctisar, tanta anarchia e licença para fazer injurias!

Como se leve o morto precisamente para o posto que na fileira lhe determinaram, — como o seu moimento olhe fito para a banda do horisonte designada pela vara do recrutador, — em tudo mais plena liberdade. ; Na architectura, quereis ser egipcios? sede egipcios. ; Quereis ser idólatras na esculptura e pagãos nos ornatos? pois sede pagãos e idólatras.

Quando o seculo é sceptico deve o cemiterio ser tolerante. — ; Que mais tem a Cruz do que a sphinge? ; que mais tem que Osiris, Jesu-Christo; ou o Christo como hoje dizem por um admiravel progresso, não sabemos se de economia se de philosophia!? Mas não param aqui os peccados contra o bom senso, a decencia e a gravidade. A anarchia do edificar e ornar, que são coisas que nem todos os intendimentos avaliam, accresce a anarchia do escrever na pedra cujos máus fructos são de força tragados e amargados por todos os que teem olhos ou ouvidos. Mas porque sobre isto já mettemos requerimento (\*) e as razões, em que o fundámos, ninguem ainda, ha vinte quatro mezes, a revocou sequer em duvida, cabe-nos esperar que, posto que tardia, virá emfim a necessaria repressão aos delirios, parvulezes e ignorancias lapidares; — não só atando as mãos a quem para o diante pertendesse fazer de epitaphios sementes de risos e molêjos, senão tambem mandando apagar quantos d'esses pasquins, por lá se tem affixado contra a tremenda magestade do nosso ultimo fim. A camara, que rogue uma juncta de homens maduros e illustrados, a cuja conta corra o exame, assim da architectura como das inscrições tumulares. A elles, toda essa temporalidade, semi-espiritual; como ao sacerdote, a espiritualidade, que até agora tem andado profanada por mãos leigas!

- Aqui paramos de cançados.

- Mais petições nos ficam por fazer.

- Bom conceito nos merece a presente camara.

- Fal-as-hemos.

- Porém outro dia.

Já nos damos por, em parte, quites do que devemos, como homens e christãos aos paes, aos filhos e a nós mesmos. Oxalá, que de hoje a um anno, visitando outra vez os nossos em Dia-de-Finados, as razões que nos levaram a um doloroso reprender, se tenham transformado em incentivos para louvores.

2262 Quotidianamente descobrimos novas esperanças litterarias. A mocidade concorre de toda a parte a pedir e tomar seu quinhão no arroteamento e cultivo do baldio intellectual que tantos annos andou desaproveitado e estéril. Dois ou tres ingenhos grandes de natural e irresistivel vocação eram os unicos, que ahí semeavam e colhiam, eram, contra a sua vontade, os morgados da intelligencia, que por alheio desleixo, se viam forçados a monopolisar o que devêra em todo o tempo, e hoje principia, a ser commum. Não poucos são já os que teem vindo tomar sesmaria no campo da eloquencia, da philosophia, da moral, da historia, da politica, e das sciencias, e á força de bom trabalhar se enriqueceram em breve prazo. A poesia conta igualmente um crescido numero de juvenis e viçossimas esperanças; e a todas as horas,

d'onde menos o presumimos, nos desabrocham outras novas. O seguinte improviso, que por seu assumpto reservámos para este dia, foi-nos com alguns outros offerecido por seu auctor, filha da Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> Marquez de Abrantes e de pouco mais de vinte annos de idade. Seriam estas duas recommendações para indulgencia, se per si os versos carecessem muito d'ella. E' um fructosinho moral de cypréste, colhido em idade, em que a vida, toda virada para os futuros brilhantes e mentirosos, refóge a tudo, que póde distraí-la dos prazeres. E' uma prova de sisuda applicação em individuo de uma classe, onde por maxima consuetudinaria desde a idade média se julga, ou se affecta julgar, que os pergaminhos dispensam e suprem a sciencia ou quaesquer outros meritos pessoaes.

#### UM FRUCTOSINHO DE CYPRÉSTE.

2263 Triste do homem se abraçado á vida,  
Qual hera ao freixo na existencia fragil,

Deposita esperanças.

Da morte o sópro dissipal-as deve,

Qual tufão no passar queimando as flôres,

N'ellas os fructos queima.

; Que ha tão medonho em seu eseuo aspecto

Que ao desterrado n'esta vida assuste

Se o desterro lhe acaba?

; Será o mundo a patria de seus sonhos,

Onde alfim realisar lhe seja dado

Felicidade estreme?

Viva e constante como o seu desejo,

Immortal como o espirito, infinita

Como seus pensamentos!

Não: existir só póde além da campa

O immenso bem que satisfaça o homem,

O immenso vacuo enchendo.

Lançou o Eterno a vida como ponte;

Entre os confins do nada e a eternidade;

E' ultimo arco a morte;

Atravessal-a cumpre: além sómente

Na cúpula dos céus mora a ventura

Juncto ao Deus que não morre.

D. José Maria da Piedade e Lencastro.

#### EMENDA HISTORICA.

(Carta.)

2264 Havendo lido o artigo 2104, sob a epigraphe de — A Infanta D. Sancha, do n.º 4 da *Revista Universal Lisbonense*, que V. tão dignamente redige, me pareceu fazer uma succinta exposição do que passa em verdade, e do que eu tenho conhecimento como membro da Academia das Bellas-Artes de Lisboa; e consta das inclusas linhas, que tenho o gosto de lhe enviar, rogando a sua publicação, em addicionamento ao citado artigo, se V. julgar que ellas o merecem.

Em 27 de octubro de 1843, De V.

Attento Venerador,

O Abbade Castro.

Quando em 1839, se desmantelou a igreja do convento de S. Francisco da Cidade, sómente se encontraram dois pequenos tumulos na capella mór, no vão de uma porta fingida, ao lado da epistola; sendo um d'elles de D. Luiz de Moura, pae de D. Christovam de Moura, 1.º Marquez de Castel-Rodrigo, e o outro

(\*) Veja REVISTA UNIVERSAL n.º 5 de 28 de Octubro de 1841, artigo n.º 113.



de D. Brites de Tavora, mãe do referido D. Christovam de Moura. No sarcophago de D. Luiz de Moura, está este epitaphio: *Ossada de Dom Luiz de Moura, pae de Dom Christovão de Moura primeiro Marquez de Castel-Rodrigo.*

Ena campa esculpidas as armas dos Mouras, e Rolim; porém dentro d'este tumulo, sobre a ossada, está um pergaminho que diz o seguinte: «*Dom Manuel de Moura Corte Real 2.º Marquez de Castel-Rodrigo, e primeiro Conde de Lumiares, no anno bissexto tresladou a esta sepultura o corpo de Dom Luiz de Moura seu avó, filho de Dom João de Moura, e de Dona Isabel de Athougua, e neto de Dom Rodrigo Rolim de Moura, Senhor de Azumbuja e Montargil.*» E no tumulo de D. Brites de Tavora, tem o epithaphio seguinte: *Ossada de Dona Brites de Tavora mãe de Dom Christovão de Moura 1.º marquez de Castel-Rodrigo.*

E sobre a campa as armas dos Tavoras. Estes dois pequenos tumulos (que escaparam ao destruidor alvião por diligencias nossas) estão hoje na caza que foi sacristia da igreja do convento de S. Francisco da cidade, em deposito, para serem entregues a quem pertencerem (que é ao Exm.º Marquez de Loulé, Conde de Val dos Reis), no caso que os requirite a repartição das obras publicas. O convento de S. Francisco, chamado da cidade, foi fundado por Fr. Zacharias (depois canonizado Sancto,) governando el-rei D. Affonso II, o *Gordo*, no anno de 1217, e ampliado por outros monarchas portuguezes. Padeceu varios ruinas por causa de incendios, como foram os de junho de 1755. (\*) Fr. Manuel da Esperança, na sua *historia serafica da ordem dos frades menores, de S. Francisco*, tomo 1.º, pag. 197, fallando de D. Sancha, diz o seguinte: «*D. Sancha (não a nomeia infanta) cujo corpo jazia na igreja velha.*» Á vista pois do que refere este escriptor, e das ruinas que apontamos, que é de crer cauzassem transtornos, quem sabe onde hoje param os restos mortaes de D. Sancha que legou á municipalidade as terras do Alqueidão? O alvará d'el-rei D. Manuel, o *Venturoso*, datado de 4 de setembro de 1507, recommenda á camara, que annualmente, na igreja de S. Francisco da cidade, em o mez de setembro, faça celebrar umas vespersas de finados, e missa cantada no dia seguinte, por alma da referida D. Sancha. (\*\*) A camara resolveu mandar celebrar os mesmos officios na igreja de Sancto Antonio, de que é administradora, para cujo fim impetrou do Exm.º Patriarcha então eleito esta transferencia, que lhe foi concedida pela provisão de 25 de setembro de 1841. *O Abade Castro.*

## NOTICIAS.

### ESTRANGEIRAS.

2265 Em HISPANHA continuam em resistencia armada ao governo, muitas e consideraveis povoações, taes como Barcelona, Saragoça, Leon, Vigo, Gerona etc. Em partes tambem tem sido os levantamentos abafados como Salamanca, na cidade de Sevilha e

em alguns pontos da sua provincia, em Pamplona, Valhadolid, Bilbáo, Jerez, etc. *Prim*, competentemente fortificado e artilhado, tencionava assaltar Gerona.

O governo declara em parlamento que só septe provincias, contra quarenta, estão pela juncta central.

Em ARGEL foi duas vezes derrotado Abdel-Kader no decurso de setembro.

A INGLATERRA vê-se forçada a recorrer a providencias, pouco do seu uso, para obstar ao complemento do empenho maximo da Irlanda.

Dissolveu as sociedades que trabalhavam e reuniam donativos para aquelle fim. Metteu em processo Oconnel, pae e filho. Já mandou para lá 34 mil homens; e mais 20 mil, diz-se, que foram á rainha offerecidos como reforço pelo rei do Hannover.

### PORTUGAL.

2266 Permanece tranquillo. Suas Magestades, finda a sua excursão transtagana, recolheram sem novidade á capital a 31 do passado pelo meio-dia.

### ACTOS OFFICIAES.

2267 *Diario do Governo de 25 de outubro.* — Aviso de que a Galera — Prazeres e Alegria vae partir para a India e Moçambique. Venda e remissão de fóros e pensões: e venda de bens nacionaes.

*Idem de 26.* — Decreto mandando sobreestar na execução do art. 6.º do regulamento das alfandegas menores. Portaria mandando para Angola a charrua — Principe Real a fim d'alli servir de hospital fluctuante. Venda de bens nacionaes.

*Idem de 27.* — Decreto mandando que a directoria de circulo das alfandegas maritimas de Cascaes até á Figueira fique independente da alfandega grande de Lisboa, bem como todas as mais directorias: e que se correspondam directamente com o governo. Outro para que o registo da alfandega em Alagoas, em Traz-os-Montes, se mude para o povo de Sendim. Venda e remissão de fóros e pensões, e venda de bens nacionaes.

*Idem de 28.* — Decreto alterando a tabella do decreto de 27 de novembro de 1841 em que fixa as despezas do ministerio do reino em 1.323:124\$410. Transferencia da delegação da alfandega estabelecida em Selir do Porto para o logar da Vieira, entre a Pederneira e Figueira. Portaria sobre os aspirantes de marinha. Venda e remissão de fóros e pensões; e venda de bens nacionaes.

### O CONCURSO DA ESCHÓLA MEDICO-CIRURGICA.

2268 No *Correio Portuguez*, de 30 do passado, sob identica epigraphé vem assignado por tres estrellinhas um azedo artigo, contra o Sr. Beirão, a quem a Eschóla julgou digno de occupar a sua cadeira vaga, e contra o *Portugal-Velho*, a *Revolução-de-Setembro* e o nosso jornal, onde, por essa occasião e por esse motivo, se haviam lido elogios ao mesmo Sr. Na *Restauração* tambem de 30 do passado, sae uma carta de um de seus assignantes, onde, por termos concertados e urbanos, se discute o mesmo assumpto e se profere a mesma sentença do *Correio*.

Deixando ao *Portugal-Velho*, á *Revolução-de-Setembro* e ao Sr. Beirão, o que a todos e a cada um d'elles, possa pertencer n'esses dois papeis, respondâmos por nós: — primeiro a ambos, no que trazem commum, depois ao *Correio* no que apresenta privativo.

Quanto ao commum, que é, terem sido máus o acto e dissertação do oppositor, fracos os seus conhecimentos em medicina, e injusta a decisão da Eschó-

(\*) Vide mappa de Portugal, tomo 3.º parte 5.ª pag. 375, por João Bautista de Castro.

(\*\*) Vide, no archivo da Camara de Lisboa, o mesmo alvará.

la, quando o preferiu a outro concorrente, bem pôde ser tudo verdadeiro ou tudo falso: a tal respeito não emittimos ainda, nem esperamos emittir opinião alguma, apesar da generalidade do apreço, em que sabemos serem tidos os talentos e luzes do Sr. Beirão. — O que sob o titulo de *Lauréol Scientifico* imprimimos, foi assignado por *um medico portuguez*; e um jornal imparcial e sincero, como o nosso, dando e mantendo o mais livre campo a todas as opiniões, não perigosas, a todos os escriptos, não indecentes, não responde pela absoluta veracidade ou exacção, do que vae, por qualquer modo, marcado com signal de alheio. Como estampámos o louvor do Sr. Beirão, pelo credito que nos merece quem o escreveu, estampariamos o do Sr. Pulido, seu concorrente, se por alguma semelhante via o tivéssemos recebido. — O Sr. Beirão e o Sr. Pulido são-nos igualmente estranhos, e conhecidos nossos só de nome. A idéa, que de um e de outro se nos tem dado, predispõe-nos a acceitar quanto possa vir em seu abôno e engeitar todo o contrario.

Agora ao correspondente do *Correio*, que da questão de factos e sciencia saltou para as injurias, diremos unicamente — que andou n'isso mal avisado; que na ardencia, que lh'as suggeriu, deu elle a seus leitores, bom argumento para o suspeitarem de parcial: damnou, sem o cuidar, a propria causa, em que se empenhava.

«Por agora» — diz elle — «só lhes pedimos (ao *Portugal-Velho*, *Revolução* e *Revista*) que sejam mais comedidos em julgar do que não intendem; e que se lembrem de que o seu officio não é desvairar a opinião publica, nem crear ou abater reputações, por méro espirito de partido, por méra compadrice.»

Ignoramos, e não nos importa saber, que espirito de partido, ou compadrice haja entre o Sr. Beirão e aquelles dois jornaes, que se acharam concordes, não comosco (advirta-se bem), mas com o medico portuguez, nosso correspondente. De nós sabemos, nem poderá alguém negal-o, que nem compadria, nem politica, influe jamais n'esta redacção; — que ainda até hoje, nos não succedeu, uma só vez, julgar por nós do que não intendemos, e que no caso presente, a assignatura de um medico portuguez, se não val mais para abonar competencia de juizo medico, tambem por certo não val menos do que a assignatura de tres estrellas. Quanto ao nosso officio não carecemos, de que as estrellas de uma anonima constellação nol-o ensinam: e que finalmente a tumidissima gravidez do *por agora*, nos parece, segundo todos os symptomas, que pouco virá a final a dar de si. Apostariamos, que dentro n'aquelle *por agora*, que parece conter fêto gordo não anda senão mola, como lhes chamam os parteiros. Pôde ser que não, o tempo nol-o mostrará.

#### A BIBLIOTHECA PUBLICA DE BRAGA.

2269 De uma carta de Braga, assignada por pessoa de todo o credito, trasladamos o seguinte pontualmente: —

«A questão da bibliotheca de que V. fallou com imparcialidade e conhecimento de causa no seu artigo 2106, continúa no *statu quo*, nem deixa esperança de tornar a tomar tão cedo mais favoravel aspecto. O pobre Rodrigues, aquelle exemplar de homens de bem, e empregados zelosos, e intelligen-

tes está suspenso dos seus vencimentos pela camara, como rebelde aos seus despoticos mandatos ou *úkas*; e os livros amontoados sem verem ao menos a luz, por não haver sequer quem lhes abra as janellas, — eram dignos por certo de melhor sorte! Além de nôjo, causa isto indignação, quando se considera o grande tráfego de estudos, que n'esta cidade vem fazer um grande numero de filhos das tres provincias do norte; porque o lycêu, em quantidade e proficiencia de alumnos, vae de anno para anno ao galarim. E com este concurso de sequiosos da sciencia mette-se por antipathias e vingancinhas um rôlho municipal na fonte dos conhecimentos; fecha-se hermeticamente a bibliotheca, hoje publica só para os ratos. E o governo dorme porque uma potestade eleitoral se não deve incommodar.»

#### ROMANCEIRO E CACIONEIRO GERAL.

2270 A ancia, com que este seculo, impellido pelo passado, se arremessava anhelante para um porvir inteiramente novo, excitava, n'elle mesmo por uma natural e inevitavel reacção, as saudades de tudo que deixava para sempre: ao dar á vella para uma terra longinqua e desconhecida, ende se nos promettem mil fortunas, sempre o coração se nos aperta e se nos humedecem os olhos, contemplando a terra do nascimento, vendo fumegar o tecto, onde fôra acalentada a nossa infancia, e alvejar a egreja, onde foram baptisados nossos paes. Não podia a litteratura, que é uma das expressões do espirito humano, como a philosophia, a politica e as sciencias, deixar tambem de lembrar-se com magua de tantas coisas de seu antigo uso, de tantos brincos apraziveis de sua infancia, de que se ia para sempre separar. É assim, que fugindo de Troia abrasada para ir fundar um novo imperio, Eaeas, o piedoso, levava consigo os domesticos Deuzes de sua caza e gente, os mysterios de Vesta, e ás costas o corpo velho e gastado do auctor da sua existencia: é assim tambem que a donzella, a quem entre menina e moça desposaram, leva escondidas entre as joias dotaes e as galas de cazada, alguns restos mais charos dos brinquedos de sua infancia.

Quando a nova eschôla se abriu com toda a tirania fanatica e intolerante de uma nova eschôla, levantaram-se-lhe logo na Europa, dois generos de inevitavel opposição: uns fizeram do passado o seu Monjuich, e acastellaram-se n'elle, decididos a não se render nem dar-se a partido; — outros, os profundos e prudentes, acceitaram a reforma, como necessidade e conveniencia, mas negaram a utilidade e até o direito de destruir tudo o que fôra.

Esta parcialidade era a que havia de prevalecer, porque era o meio termo; e prevaleceu. — Desde então a imprensa litteraria dos dois extremos, foi absorvida pela do centro; o antigo e o novissimo, fundiram-se e ligaram-se, produzindo como o bronze e o oiro no incendio de Corintho um terceiro metal mais precioso, que ambos elles.

O Sr. GARRETT foi em Portugal o auctor ou o introductor d'esta feliz e felicissima composição.

A nossa poesia nacional, isto é, a do nosso povo e não a dos nossos poetas, a fallada e sentida e não a escripta e folheada, a dos campos e não das cidades, das velhas e não dos academicos, conhecia-a o Sr.

GARRETT, desde a infancia; havia-lhe tomado o gosto, havia precedido aos seus estudos e reflexão, havia-se como quer que fosse identificado com o seu espirito: o seu stylo mesmo, sem deixar de ser culto, nobre e moderno, respirava aquella sinceridade nativa e graciosa singeleza, que se absorve no tracto com os conterrâneos, mas não se aprende. O *Camões*, *D. Branca* e alguma parte de *João Mínimo* farão comprehender aos que os lerem, esta verdade, que hoje nos falta espaço para explicar.

N'aquellas tres obras e especialmente nas duas primeiras, tinha o auctor ensinado o como se haviam de conciliar a índole litteraria nacional e as excellencias novas das litteraturas estrangeiras. Restava para completar o seu trabalho, offerecer aos que pertendessem caminhar sobre os seus vestigios alguma parte d'aquillo, com que elle mesmo se nacionalisára.

As xácaras e romances populares deviam ser salvos do esquecimento, que os ameaçava para em breve, offerecidos a todos e perpetuados. Era empreza fadigosa, e prolixa: mas commetteu-a e o primeiro volume do *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, quarto da collecção completa das suas obras, acaba enfim de sair á luz. N'elle se contém depois de um excellente prologo historico-litterario a *Adozinda* imitação da *Silvana*; *Bernal Francez*; *Chapim d'Etrei*; e *Rosalinda*; todos originaes antigos, mais ou menos concertados e remocados; e a *Noite de S. João* e o *Anjo e a Princeza*, composições tambem no genero antigo, mas originaes. Os que lerem este volume, ficarão desejando anciosos a continuação. Nós, que d'este numero somos, supplicamos aos benemeritos editores, os Srs. Bertrands, que forcejem, por vencer certa inconstancia ou antes natural e proverbial preguiça de poeta, que o Sr. GARRETT padece, e de que todos nós (para nos servirmos de uma expressão de S. Paulo) enfermamos tambem com elle.

A collecção das suas obras é thesoiro tão nacional, que bem se nos deve relevar a liberdade, com que d'este seu vicio nos queixamos.

#### D. MARIA DE LENCASTRO.

2271. Estreou-se no dia anniversario de elrei, no theatro nacional da Rua-dos-Condes, o excellente drama — *D. Maria de Lencastro* — do nosso illustre collaborador o Sr. Mendes Leal Junior.

Se não fôra bastante para abonar o novo drama, o talento e pericia já tão bem provados e reconhecidos do nosso joven poeta, o triumpho, que esta sua composição obteve, foi tal que só elle bastava para o haver como obra prima. Mais de pausa apontaremos os muitos meritos em que abunda o drama — *D. Maria de Lencastro*; e desde já felicitamos cordealmente o Sr. Mendes Leal Junior pela nobre vingança que tira de seus invejosos inimigos, offerecendo glorias sobre glorias á sua patria.

#### OS CONCERTOS DA ESTATUA EQUESTRE.

(Carta.)

2272 *Prezado Amigo e Sr.* — Recebi a carta de V. de 28 do corrente, em que me pergunta qual foi precisamente a lesão que se descobriu na estatua equestre; e quaes os concertos, e mais obras que se lhe andam fazendo, porque sendo a *Revista Universal*, que V. redige com tanta distincção, a primeira que fal-

lou d'aquelle estrago, deseja que ella tambem satisfaça a esta justa curiosidade. Em resposta devo dizer a V. que sendo chamado em portaria do governo, dirigida á Academia-de-Bellas-Artes, para me apresentar, e intender com o inspector das obras publicas o Illm.<sup>o</sup> Sr. José Bento de Sousa Fava, sobre o modo de remediar o estrago que appareceu na dicta estatua, achei que a parte posterior da *cana* esquerda do cavallo quasi desde a *garra* até acima da articulação do joelho, estava separada da parte anterior da mesma *cana*: e que esta separação fôra causada pela agua que de muitos annos se tem insinuado entre o bronze e o vergalhão de ferro que se acha no interior da perna, e que atravessando pelo *terraço*, e *plintho* da estatua lhe serve de segurança: porém esta separação é originariamente trazida pelo accrescimento que se lhe fizera logo depois de fundida, naturalmente por alguma falha de metal, e sendo esse accrescimento seguro por meio de parafusos que prendiam o bronze ao ferro, e nas suas margens emalhado, não foi comtudo bastante para que o tempo que tudo destroe, não pudesse ir abrindo em varios pontos esse pedaço, até que finalmente chegou a mostrar fendas tão largas, que se viam a grande distancia. Para remediar esta lesão julgou-se necessario arrancar de todo esse pedaço de bronze, que terá 4 palmos de comprimento; e logo que saiu conheceu-se que o ferro do vergalhão, ainda que em parte oxidado, nada, ou quasi nada perdêra de sua grossura primitiva, e que portanto a estatua não ameaçava ruina, como alguém talvez tenha espalhado. Modelou-se um novo *tendão*, do qual se extraiu fôrma, e que depois de fundir-se em bronze ha-de ser applicado, e muito bem seguro, e reparado para evitar do melhor modo possivel a repetição de similhante estrago. Alem d'isto, assentou-se tambem ser necessario limpar a estatua do verde, que a podia destruir: e depois d'esta operação, é natural que se passe a limpar o pedestal e os grupos que o acompanham. — É o que tenho a responder a V. sobre o objecto proposto, desejando ter outras occasiões de mostrar que sou por dever e affecto,

De V.

S. C. 30 de outubro de 1843.

Francisco d'Assiz Rodrigues.

#### AMORES ENVENENADOS.

2273 Lê-se no *Periodico dos Pobres no Porto* o seguinte: —

« Em uma das ruas da cidade morava uma menina que era por extremo namorada por um joven hispanhol, pessoa limpa e accada. Este S. Miguel mudou-se a familia da menina para outra rua, e ella escreveu uma carta ao seu amante em que, depois de o accusar de elle ter outra paixão, lhe dizia que não mais lhe passasse pela rua. O hispanhol, como era natural, affligiu-se com isto e tractou de se justificar: comprou 4 pilulas envenenadas, e se apresentou em um portal, em frente da nova habitação da sua amada. Esta apparece á janella, encara com elle, fecha-lhe as vidraças: o infeliz cravando os olhos n'ella, engole as 4 pilulas e se envenena. Consta que fôra soccorrido pelos facultativos, que conseguiram extrair-lhe o veneno, e que elle já está restabelecido, passeando pela dicta rua. »

#### UM ESCANDALO E INJUSTIÇA DA JUSTIÇA.

2274 Ao *Periodico dos Pobres no Porto* participam de Lamego o seguinte facto, cujos perpetradores recommendamos á alçada do ministro competente: —

«No dia 17 de setembro pelas 10 horas da manhã o porteiro do auditorio d'esta cidade, Manuel Antonio, maltractou ferozmente com o grosso da sua bengala a pobre cabeça de um individuo que elle acabava de prender: os gritos que o infeliz soltava eram outras tantas petições que elle dirigia á humanidade e á justiça, e ao coração de todos que o ouviam. Foi tal a indignação que o padre Francisco Estanisláo prendeu o dicto porteiro, que já se ia escapando, e com seu sobrinho o conduziu ás cadeas novas. O ferido ficou estendido no chão e privado de sentidos, e tornando a si, se confessou e foi conduzido ao hospital. Por conselho do escrivão do exame fugiu com a cabeça machucada para não cair nas mãos da justiça, e o juiz de direito emvez de punir e suspender o official que assim avilta a justiça, logo ás 6 horas da tarde o mandou soltar e elle appareceu com a mulher á janella insultando a paciencia publica.»

#### NECROLOGIA ACADEMICA.

2275 No dia 6 do corrente mez, perdeu a ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA um dos seus antigos socios, o Sr. Conselheiro Manuel José Maria da Costa e Sá.

Em setembro proximo preterito, fôra acommettido de uma inflamação cerebral, que, apesar de todos os esforços da medicina, o finou, em Cintra para onde tinha ido tractar-se; e onde jaz.

Desde a sua mocidade, foi sempre o Sr. Conselheiro Costa e Sá mui prestante á patria; como homem de letras e como empregado publico. Exerceu por largos annos os cargos de deputado da juncta do Commercio, e de official maior da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, dos quaes foi privado em 1833.

Não tinha outros bens da fortuna, nem outros proventos senão os do seu trabalho no desempenho d'aquelles elevados encargos. Por isso ficou inteiramente desamparado; empobreceu, chegou a pedir... ao cabo de sessenta annos de serviço publico!

É peccado este em que a nação portugueza foi sempre mui relapsa e recidiva; e do qual os presentes não podemos absolver os passados, nem os futuros hão de poder absolver os presentes. — N'este ponto, e já pôde ser que n'outros muitos mais, nos será imposta, sem appellação nem agravo, em que nos peze e avexe duramente, aquella exprobratoria sentença que Horacio proferiu contra os seus romanos: *Nós somos peores do que nossos paes; nossos paes foram peores do que nossos avós; peores serão ainda os nossos filhos!*

Dez annos depois, o governo actual reparou essa injustiça, nomeando o Conselheiro Costa e Sá, chronista do ultramar, para o qual myster estava mui apfificado, pelos seus estudos historicos, e longa experiencia adquirida no expediente da respectiva secretaria.

Intendeu logo com muita assiduidade no desempenho da sua missão; e dizem-nos que havia já collacionado preciosos elementos para sua obra, que promettia ser cabal.

Não quiz Deus, porque o chamou a Si, que de sua mão a recebessemos: pedimos então pelo amor da nossa historia, que esses apparatus não fiquem esquecidos ou se desbaratem (porque são propriedade nacional), e junctamente que se não deixe de proseguir na empreza decretada e encetada.

O Sr. Conselheiro Manuel Maria da Costa e Sá, além dos seus predicados moraes, tinha grangeado

muitos titulos politicos e litterarios que o ennobreciam. Era do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo, cavalleiro de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, commendador da ordem da Rosa no Brazil; socio da Academia-Real-das-Sciencias de Lisboa, do Conservatorio Real, e do Instituto historico do Brazil. As *Memorias da Academia* teem muitas paginas d'este seu laborioso Socio.

O finado academico era sobre tudo um homem christão e honrado; — no céu acharia o galardão que nunca na terra se deu a taes virtudes, e que nem sequer já hoje se respeitam devidamente! *Tullio.*

#### UMA FLOR DE MENOS.

Se lá no assento Ethéreo, onde subiste,  
Memoria d'esta vida se consente,  
Não t'esqueças d'aquelle amor ardente,  
Que já nos olhos meus tão puro viste....  
CAMÕES.

2276 Este saudoso titulo e esta saudosa epigraphe pôz o Senhor JACINTO DA SILVA MENGO em um artigo, que no seu *Correio das Damas* de outubro pretérito, consagrou á memoria de um seu FILHINHO de cinco annos, fallecido a 9 de maio de 1843.

Todos os que assim como nós houvessem conhecido a amabilidade d'aquelle INNOCENTE, o admiravel desinvolvimento da sua razão, a sua ancia para o estudo, o bem assentadas que eram as esperanças; muito grandes esperanças! que n'elle tinham seus paes, lerão com enterneccimento as expressões singellas e entranhadas, com que o auctor pede a suas leitoras uma saudade e uma perpétua para o tumulo de seu pequeno collaborador, do insertor sempre exacto das estampas correspondentes em cada folha, do *Guarda-Livros* em summa, como lhe elle chamava, do seu jornal. No tumulo, cujo desenho precede ao artigo, lê-se: —

MEU  
FILHO.

À Saudosa Memoria

De

Jacinto da Silva Mengo

Junior

Nasceu a 9 de Março

De 1838,

E falleceu em o 1.º de Maio

De 1843.

Monumento do amor paterno, aquella pedra attrairá ainda por outros respeitos os olhos e pensamentos dos que visitarem o Cemiterio do Alto-de-S.-João. É alli o sepulchro commum mandado fazer pelo Sr. Mengo, para si e para a sua familia; e no qual, por um rasgo sublime de amizade, — que é um supplemento aos vínculos da natureza e constitue um verdadeiro parentesco, — foi logo reservado juncto á jazida do fundador a do seu maior amigo. Este amigo, que longos annos dure ainda para exemplar de virtudes e proveito das letras, é o Senhor ANDRÉ JOAQUIM RAMALHO E SOUSA.

Logar, consagrado a tão piedosa reunião, devia ser estreado por um Anjo; e foi-o.